

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 20, ano 2023 | ISSN: 2675-5432

Compreendendo a fenomenologia transcendental de Edmund Husserl (Uma abordagem histórica)

José Luiz de França Filho

Professor Assistente - DFCH/UESC

<https://orcid.org/0009-0009-6838-1536>

Recebido em: 11/04/2023
Aprovado em: 22/06/2023
Publicado em: 19/07/2023

Compreendendo a fenomenologia transcendental de Edmund Husserl

(Uma abordagem histórica)

José Luiz de França Filho

Resumo

Diante das dificuldades que envolvem a análise e o exercício do pensar próprios da fenomenologia pura, quando exige do estudante e do professor um nível de inteligibilidade distante do modo natural de pensar, busca-se apresentar aqui uma via metodológica de discussão que visa conduzir a um movimento didático de reflexão em vista de uma compreensão introdutória à fenomenologia transcendental de E. Husserl. Parte-se de informações históricas do debate científico-filosófico e epistemológico presentes no ambiente cultural europeu do séc. XIX e início do séc. XX, em que se destaca a controvérsia em torno do psicologismo e antipsicologismo, e de informações histórico-conceituais motivadoras do percurso investigativo husserliano. A partir daí é que são apresentados os principais conceitos estruturadores da fenomenologia pura de Husserl, que requer, para compreendê-la, uma radical mudança de hábito no modo de ser do pensar natural.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Fenômeno. Fenomenologia transcendental. Intencionalidade.

Abstract

In view of the difficulties that involve the analysis and exercise of thinking typical of pure phenomenology.

when it demands from the student and the researcher a level of intelligibility far from the natural way of thinking, here is presented a methodological way of discussion and presentation, aiming to conduct to a reflexive movement with a view to a better understanding of E. Husserl's transcendental phenomenology. From the historical information of the scientific-philosophical and epistemological debate present in the European cultural environment of the century XIX and beginning of the century XX; The controversy surrounding psychologism and antipsychology and the historical-conceptual information motivating the Husserlian investigative path stands out. From there, the main structuring concepts of pure Husserl phenomenology are presented, that requires, to understand, a radical change of habit in the way of being of natural thinking.

KEYWORDS: Phenomenology. Phenomenon. Transcendental phenomenology. Intensionality.

Introdução

A fenomenologia transcendental ou fenomenologia pura, por operar em *regime de redução*¹ em relação ao conhecimento natural, detendo-se exclusivamente ao âmbito da consciência, em sua estrutura constitutivo-intencional, apresenta-se como uma filosofia de difícil compreensão. Com ela e por uma reflexão radical, entramos no domínio da subjetividade pura. A quem se debruça sobre essa filosofia é exigido um forte exercício intelectual de abstração reflexiva, para compreender os conceitos e as noções que a estruturam.

¹ Trata-se de um movimento metodológico, próprio da investigação fenomenológica, em que se deixa de seguir a inclinação natural, ingênua, que temos primariamente. O significado será mais bem esclarecido na última seção.

O próprio Husserl (2012, p. 7-8) fala das “dificuldades da análise puramente fenomenológica” ao exigir do investigador um movimento racional que vai em direção “contranatural da intuição e do pensamento”. Assim, compreender e praticar o modo próprio fenomenológico de pensar, ter clareza quanto a ele, requer uma radical mudança de hábito no modo natural de pensar (Cf. MOURA, 2006). Todavia, diga-se logo, para a fenomenologia, e a filosofia em geral, o referido modo natural de pensar não se revela como uma atitude falsa, mas como um modo insuficiente quando se pretende captar o essencial da realidade.

Frente a tais dificuldades, como fazer para compreender mais facilmente as principais ideias e definições essenciais da fenomenologia transcendental? Ou como fazer para melhor assimilar suas propriedades conceituais? Não será o caso aqui de, simplesmente, repetir ou explicitar definições tiradas dos manuais de introdução à filosofia. Sendo assim, visando não mais que uma apresentação bastante introdutória da fenomenologia husserliana, traçamos para o presente texto a seguinte trilha metodológica de explanação.

Inicialmente, pontuaremos algumas informações históricas do debate teórico-científico-filosófico marcante do ambiente cultural europeu do séc. XIX à primeira metade do séc. XX, aqui se procura evidenciar algumas ideias próprias das correntes epistemológicas e científicas que influenciaram, de forma determinante, a formação do pensamento filosófico-fenomenológico de Husserl, e a controvérsia em torno do psicologismo e antipsicologismo, que marcou o início das investigações husserlianas a polêmica gerada pelo psicologismo e as críticas a ele estiveram presentes na origem do pensamento de Husserl e influenciou na definição da tarefa fundamental da filosofia como fenomenologia (Cf. PAISANA, 1992).

Em seguida, pontuaremos algumas informações a respeito do percurso intelectual husserliano que marcaram e motivaram sua produção filosófica. Na sequência,

apresentaremos alguns conceitos que estruturam a fenomenologia husserliana, e que, a partir deles, como se compreende, é possível ter um entendimento introdutório da fenomenologia pura. Acredita-se que com esse traçado metodológico de discussão seja-nos possível expor, com clareza razoável, alguns elementos básicos, centrais, da fenomenologia de E. Husserl.

Advertimos que o presente trabalho não é produto de uma pesquisa crítico-analítica sobre textos de E. Husserl; certamente textos do filósofo, acessíveis em línguas latina, foram consultados e são citados direta ou indiretamente, como também textos críticos de outros filósofos, fenomenólogos reconhecidos. O que segue é fruto de um esforço didático, visando uma apresentação introdutória da fenomenologia pura de E. Husserl ao público estudantil².

Nesse sentido, o objetivo geral almejado é: explicitar numa breve exposição didática em que consiste a fenomenologia transcendental de Husserl. Outra advertência diz respeito à escolha verbal-nominal na formulação do título *Compreendendo a...*, indicando que se trata de uma ação de estudo em curso que não se pretende completa, mas aberta, por isso mesmo, a novos acréscimos.

1. Questões teórico-científicas que acercavam Husserl: breve contextualização

A formação e a produção intelectual-acadêmica de Edmund Husserl³ ocorreram num contexto cultural-euro-

² O presente texto nasceu de notas de aulas, escritas para estudantes de graduação em filosofia, da Universidade Estadual de Santa Cruz / UESC, Ilhéus-Bahia.

³ Edmund Gustav Albrecht Husserl nasceu em Prossnitz / Morávia, em 1859, então província do Império Austro-Hungaro, hoje Prostejov, República Checa; frequentou as universidades de Leipzig, Berlin, Viena

peu – Séc. XIX e primeira metade do séc. XX – de intensa discussão por um novo posicionamento sobre o fundamento das ciências. As ciências físico-químicas tinham entrado “em plena efervescência”; a Psicologia e a Matemática passavam por um processo de reformulação e desenvolvimento; a Lógica, enquanto ciência da forma, unidade de sentido, e não enquanto ciência normativa, ganhara “um desenvolvimento sem precedentes, tornando-se a ciência mais ‘fundamental’ de todas”; e as transformações que haviam atingido a Filosofia, sobretudo entre os anos 1880-1914, não foram “menos profundas” (DELACAMPAGNE, 1997, p. 11-20).

No final do séc. XIX, no campo especificamente filosófico, não mais se registra a presença marcante de Hegel ou de Shopenhauer, nem de Nietzsche e Marx. A presença marcante era a de Kant, através do neokantismo (Cf. PE-NHA, 2001). O clima intelectual vivido nesse tempo nunca foi favorável à filosofia enquanto conhecimento especulativo válido. Experimentava-se um acentuado otimismo ensejado pelo desenvolvimento científico que impulsionara as invenções e descobertas modernas. Vivia-se um período propício à afirmação de uma forma de pensamento positivo, contrário às formas especulativas da razão.

Nesse ambiente, o debate acerca de questões científicas e dos significados fundamentais da existência e da vida humana vinha sofrendo um forte reducionismo naturalista-positivista em suas determinações conceituais. O desenvolvimento e “os progressos [...] obtidos no campo das ciências exatas atraíam a admiração geral, e a palavra ‘Ciência’ continuava a pronunciar-se com ufania, olhando-se com desdém para tudo o que não apresentasse caráter ‘científico’” (DELACAMPAGNE, 1997, p.17). Na verdade,

e Halle onde lecionou filosofia, depois lecionou também em Göttingen e Friburgo onde faleceu em 1938. Para mais informações biográficas e bibliográficas, ver in: FRAGATA, Júlio. *A fenomenologia de Husserl - como fundamento da filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1959, p. 263-272.

o mundo europeu, desde o séc. XVII, já vinha experimentando profundas transformações políticas, econômicas e tecnológicas, que se consolidaram nos séculos posteriores, vindo a impulsionar mudanças radicais no campo das ideias filosóficas e científicas em geral.

No séc. XIX, e em sua transição para o séc. XX, o naturalismo⁴, concepção de pensamento nascida na Alemanha, e o positivismo⁵, forte corrente filosófica sistematizada por Auguste Comte (1798-1857), na França, constituíram-se em orientações e determinações teórico-metodológicas, dominantes no campo das ciências. A citação seguinte é bastante ilustrativa das implicações e influências dessas concepções, e que Husserl procurou veementemente combater mesmo sendo, inicialmente, contaminado por elas:

Dissessem-se positivistas, empiristas, psicologistas, historicistas, cépticos etc., todas essas correntes coincidem no repúdio da metafísica como sistema de reflexões sem fundamento real e, de modo geral, na redução da Filosofia ao plano das ciências. Daí a convicção universal de que somente o pensamento científico é digno de acesso e de credibilidade [...] (CARVALHO, 1965, p. XXII-XXIII).

O positivismo⁶ significou o primado da regularidade e previsibilidade empírica e dos dados concretos sem os

⁴ Numa referência ao homem (antropocentrismo) o naturalismo acentuava os aspectos naturais em detrimento da dimensão sobrenatural muito presente na Idade Média (teocentrismo). O mundo humano, para o naturalismo, era reduzido à natureza física.

⁵ O positivismo, aqui, se distingue do chamado positivismo lógico do Círculo de Viena, formado por L. Wittgenstein, R. Carnap, A. Tarsk, entre outros. O que esses pensadores têm em comum era a crença no valor das ciências positivas e seus métodos.

⁶ Para uma melhor definição conceitual sobre o positivismo, suas implicações para a fenomenologia e a reação de Husserl a ele, ver in: SANTOS, J. Henrique. *Do empirismo à fenomenologia – A crítica de psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 37-44.

atributos metafísicos. Significou também o primado do conhecimento científico e de seu método experimental que permite a verificação e a comprovação. Para ele só o conhecimento dos fatos é verdadeiro, porque as certezas só eram possíveis pelas ciências experimentais; a filosofia, por sua vez, passou a ser considerada como uma “mera fase na evolução da humanidade” (SANTOS, 2010, 37-42), cujo cume seria o triunfo das ciências experimentais e observáveis. Especialmente entre os anos 1850 a 1900, o positivismo, juntamente com a concepção naturalista, favoreceu uma forte imagem cientificista do mundo. Ainda, nas palavras de Santos, acima citado, tais formas de pensar assim consideravam a vida e o conhecimento:

[...] o mundo e a vida explicam-se pela história natural. A psicologia e a biologia oferecem tudo o que é necessário para se compreender o homem. O lógico é reduzido ao psicológico e este ao biológico. A sociologia, que mal acabara de nascer, a política, a história – as ciências do homem – adotam as categorias biológicas do evolucionismo. [...] Spencer considera as faculdades superiores do pensamento simples manifestação evoluída da matéria primitiva [...]. A consciência lógica funde-se com a consciência psicológica [...]. Tudo se explica em termos de matéria e movimento [...]. Não sem razão, Auguste Comte definiu o materialismo como a ‘doutrina que explica o superior pelo inferior’ (2010, p. 41-420).

Essa compreensão do mundo e da vida centrada na ciência, que tinha o método empírico-científico como único válido, recebeu sua expressão mais sistemática no positivismo comteano. Tanto que no final dos anos do séc. XIX:

[...] período dos primeiros trabalhos de Husserl, se caracterizam na Alemanha pela derrocada dos grandes sistemas filosóficos tradicionais [...]. É a ciência que doravante preenche o espaço deixado vazio pela filosofia especulativa e, sobre seu fundamento, o positivismo, para o qual o conhecimento objetivo parece estar definitivamente ao abrigo das construções da metafísica (DARTIGUES, 1992, p. 8-9).

É importante destacar que é nesse contexto positivista, de acentuado progresso científico das ciências da natureza, de subordinação da vida do espírito à vida natural (naturalismo) e, conseqüentemente, de crise da filosofia enquanto conhecimento especulativo-metafísico (não científico), que surgem os problemas ligados à subjetividade e a psicologia como ciência natural encarregada do conhecimento do psiquismo humano. Enquanto ciência autônoma, a psicologia passou a assumir um paradigma epistemológico naturalista-positivista, portador de uma concepção reducionista do humano (psicologismo), em que se naturalizava todo o campo da subjetividade (psiquismo, consciência, espírito, razão).

O naturalismo, por sua vez, enquanto concepção decorrente do pensamento positivista, sendo uma marca essencial da filosofia positivista, significou uma forma de abordagem da natureza e da realidade humana em que tudo era reduzido à existência natural, tudo era passível de uma explicação circunscrita à esfera natural. Para o naturalismo, nenhuma explicação podia ser encontrada fora da natureza; os objetos das ciências do espírito (Psicologia, História, Direito, Ética, Economia) eram reduzidos à natureza. Em um ambiente dominado por essa visão, sobrava pouco espaço para a especulação metafísica enquanto conhecimento essencialista; a filosofia era reduzida a uma simples indagação do processo de conhecimento e identificada à Psicologia como ciência natural (Cf. PAISANA, 1992, p. 29).

Nesse contexto, o desenvolvimento metodológico alcançado pelas ciências da natureza mostrava-se mais eficaz do que o conhecimento filosófico, já que os problemas eram reduzidos a uma explicação científica circunscrita à esfera natural da realidade. Onde predominava o pensamento naturalista, os debates e as abordagens das questões davam primazia às ciências da natureza. Ele representou, portanto, uma concepção teórica “[...] que ou explica todos os conhecimentos somente por leis estritamente naturais, com exclusão do sobrenatural e

do transcendente, ou considera os fenômenos psíquicos e morais explicáveis por categorias das ciências da natureza” (CARVALHO, 1965, p. XXVIII).

Tratava-se, como se vê, de uma concepção que naturalizava a razão e a teoria do conhecimento, e que implicou, por isso mesmo, num descrédito da filosofia no mundo do conhecimento humano. Tal forma de pensamento impulsionou o desenvolvimento das ciências naturais e da psicologia como ciência natural da consciência; sob sua influência, a psicologia, ao se apresentar como uma ciência empírica, tomou para si a tarefa de explicar o conhecimento, mas o faz reduzindo a atividade gnosiológica a processos empíricos do comportamento biológico do sujeito, o que Husserl chamou de psicologismo.

O delineamento histórico das principais correntes de pensamento, traçado acima sinteticamente em suas grandes linhas, procurou caracterizar o ambiente intelectual, europeu, característico do final do séc. XIX e início do séc. XX, que teve forte influência na formação do pensamento husserliano. Um contexto, como vimos, marcado “por um cientificismo que cultivava os fatos” e “por um psicologismo que pretendia ser o embasamento teórico de todas as ciências e pela negação da filosofia” (COSTA, 2000, p. 57). É a partir de tal contextualização, em especial a crítica ao psicologismo, que vamos procurar pontuar, na sequência, os aspectos centrais, motivadores da fenomenologia husserliana.

2. Psicologismo - antipsicologismo e o despertar da fenomenologia

Desde o começo de sua formação acadêmica, Husserl sempre se mostrou um estudioso “apaixonado pelo

rigor científico”⁷; “as suas atividades intelectuais desenvolveram-se continuamente orientadas pelo ímpeto insaciável de rigor absoluto [...]” (FRAGATA, 1959, p. 15); daí seu envolvimento acadêmico inicial com as ciências exatas, na universidade de Leipzig (1876), em especial com as matemáticas:

Na sua ânsia de rigor absoluto, dirigiu a atividade para os problemas de fundamentação da Matemática e, segundo ele mesmo nos declara, ‘tinha diante de si, como último fim uma construção radicalmente rigorosa da Aritmética, baseada em princípios esclarecidos ultimamente à luz de Lógica e da Psicologia’ (FRAGATA, 1959, p. 17).

Àquela época, os estudos tinham uma estrutura curricular mais universalista e menos rígida, que possibilitava ao estudante ter contato com vasta área da cultura científica. Assim, junto à sua dedicação à matemática, Husserl teve contato com outras ciências, como a Física, a Astronomia e a Filosofia. “As aulas de filosofia em Leipzig eram ministradas por W. Wundt, isso fez com que Husserl também começasse a se interessar pela psicologia filosófica” (GOTO, 2008, p. 36-37). Após ter começado a estudar com o filósofo Franz Brentano, em Viena, nos anos de 1884 a 1886, é que veio a se interessar com afinco pela Filosofia e a desenvolver um trabalho investigativo-filosófico por um fundamento da matemática pura.

A partir daí, escreveu seu primeiro trabalho, *Filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico* (1891), no qual examina o conceito de número. Pelos resultados desse estudo, recebeu críticas por ter se utilizado de argu-

⁷ Rigor, nesse contexto, tem a ver com fundamentação teórica e ser rigoroso não é ser exato, mas possuir uma fundamentação teórico-filosófica. Um conhecimento rigoroso é aquele possuidor de elementos universais que o esclarecem quanto às interrogações por verdades absolutas.

mentos psicologistas para tratar de conceitos puramente matemáticos; foi duramente censurado – Johann G. Frege foi autor da crítica mais contundente – por confundir conteúdos formais, lógico-matemáticos, com conteúdo de vivências subjetivas, isto é, dos atos característicos da interioridade do ser humano.

Husserl se debatia em torno de questões relativas à explicação filosófica da matemática pura, discutia questões da lógica geral acerca da teoria e do método matemático, como também da origem de conceitos fundamentais da matemática: unidade, pluralidade, quantidade, multiplicidade. As definições conceituais, fundamentais, das ciências matemáticas, como geometria e aritmética, a formulação de “um método completamente rigoroso, absolutamente evidente para a matemática pura” (GOTO, 2008, p. 41) eram questões amplamente discutidas naquele contexto. A acusação que pesava sobre Husserl, a respeito da utilização de argumentos psicologistas na discussão de problemas lógico-matemáticos, tinha a ver com uma convicção, então dominante, de que a psicologia daria a explicação necessária da lógica e das ciências dedutivas, como de toda lógica em geral.

Nesse ambiente cientificista, “o desenvolvimento extraordinário das ciências empíricas manifestava-se então exuberantemente na Psicologia Experimental que se ostentava já como ciência não só independente, mas avassaladora” (FRAGATA, 1959, p. 31). E, para muitos, a psicologia possuía a chave de explicação de problemas fundamentais filosóficos relacionados à teoria do conhecimento e até da lógica – os fundamentos da lógica e do conhecimento tornaram-se objetos de investigação da nova ciência do psíquico. A psicologia passou a se ocupar com questões relativas à natureza do eu pensante e como ele atua, foi definida como “ciência dos fenômenos psíquicos” ou dos “fatos de consciência”, também como “ciência dos fatos da experiência interna” (HUSSERL, 1985, p. 75).

Essa tendência é que ficou conhecida como psicologismo: termo empregado para identificar as posições

filosóficas, presentes no séc. XIX, que visavam explicar o conhecimento através de mecanismos natural-psicológicos. Para ela, o ser do pensamento podia ser explicado empiricamente, porque era compreendido como um fato natural-psíquico (naturalismo), sendo, com isso, reduzido a uma vivência do eu natural. Assim, para os psicologistas cabia a lógica, o estudo das leis do pensamento, mas como o pensamento era tomado como um fato psicológico, um fenômeno natural, a lógica seria um ramo de estudo da psicologia, enquanto ciência natural. O psicologismo⁸, em geral, significou a redução dos princípios da lógica, da ciência e da filosofia do conhecimento a atos psicológicos constitutivos da estrutura da consciência:

O envolvimento de Husserl, inicialmente de adesão, depois de crítica, com as teses psicologistas da ciência do psíquico não foi um caso particular⁹. Entretanto, como ele, nenhum outro desenvolveu um trabalho crítico, sistemático, de tamanha envergadura como as *Investigações*

8 “O termo *psicologismo* tem uma infinidade de sentidos e o chamado ‘problema do psicologismo’ contém, em realidade, vários problemas. Podem-se diferenciar três tipos de psicologismo: o lógico, o *semântico* e o epistemológico’. O psicologismo lógico é uma teoria que se propõe assimilar a lógica à psicologia, concebendo à primeira como parte da segunda, desta forma, a existência de entidades e estruturas propriamente lógicas. O psicologismo semântico consiste em reduzir significações linguísticas a entidades psicológicas. O psicologismo epistemológico, finalmente, reduz o conhecimento (e/ou a validade epistêmica) a um processo psicológico”. PORTA, M. Ariel Gozáles. A polémica em torno ao psicologismo de Boltzno a Heidegger. *Síntese* – Revista de Filosofia, vol. 31, nº 99, p. 109-110, 2004, grifos do autor.

9 Eis alguns autores, os mais referidos por Husserl, que, à época, também se envolveram com o psicologismo: St. Mill, na Inglaterra; Lipps, Wundt, Sigwart e Erdmann, na Alemanha. Cf. FRAGATA, Júlio. *A fenomenologia de Husserl* - como fundamento da filosofia. Braga: Livraria Cruz, 1959, p. 32-33; SANTOS, J. Henrique. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 39.

Lógicas (1900-1901): reconhecidamente uma obra portadora de argumentos cabais de superação da confusão corrente envolvendo a lógica e a psicologia. Com esse trabalho, Husserl superou definitivamente os equívocos psicologistas, aos quais havia aderido quando procurava explicar verdades lógicas da matemática pura mediante análises psicológico-científicas.

A partir daí, já consciente das insuficiências dos argumentos psicologistas, ele, com as investigações sobre a lógica, passa a desenvolver uma nova reflexão, que o conduzirá à criação e sistematização do método fenomenológico de análise e de abordagem da esfera psíquica enquanto região *a priori* de idealidades puras¹⁰. Para o filósofo, tratava-se, agora, de compreender, em novas bases conceituais, depuradas dos equívocos psicologistas, a essência dos conteúdos lógicos e, principalmente, compreender a relação da subjetividade do conhecer e a objetividade dos conteúdos do conhecimento.

A partir das *Investigações Lógicas*, há um rompimento definitivo com “[...] a concepção positivista de que a Lógica é uma parte da Psicologia” (tendência psicologista). A referida obra esclarece porque “a Psicologia não consegue proporcionar certeza apodítica ou indubitável”, sendo ela uma ciência particular e os princípios lógicos sendo de validade universal. Na obra, o autor vai mostrar que “há uma ordem lógica pura, independente da ordem psicológica, com valor objetivo e universal; lá, ele aprofundou o estudo da diferença entre o que é propriamente lógico e o que é psicológico em nosso pensamento” (ZILLES, 1986, p. 183-184).

¹⁰ “[...] O antipsicologismo de Husserl não se determina numa simples oposição à psicologia como ciência empírica, mas apenas às suas pretensões filosóficas de fundamentação da teoria do conhecimento e da lógica, que caracterizariam precisamente como psicologismo”. PAISANA, J. *Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 40.

Husserl dar-se conta, assim, após as críticas sofridas com seu trabalho anterior, de que “[...] a matemática não trata de ‘fenômenos psíquicos’, nem de ‘fenômenos físicos’, mas sim de objetos ‘ideais’” (MOURA, s/d, p. 7-15). Diante disso, ele é levado a se perguntar como é possível o conhecimento, se não se trata de fenômenos psíquicos? Se estamos diante, nesse caso,

[...] de objetos que não são ‘partes’ da própria consciência, como esta pode ter acesso àqueles? Como a subjetividade pode ter acesso à transcendência? Como o sujeito pode se reportar a um mundo de objetos? É com a formulação dessa questão que nasce a fenomenologia (MOURA, s/d, p. 8-9).

Diante disso, superada a mentalidade positivista, não sendo mais a psicologia uma ciência apta a explicar as questões formais de ordem lógico-matemática, não sendo ela uma ciência apta a justificar os problemas gnosiológico-filosóficos, como fica, então, pra Husserl, a questão crucial da fundamentação do conhecimento, das ciências e da própria filosofia?

A questão dos fundamentos da Matemática e da Lógica foi, de certa forma, o ponto de partida para a Fenomenologia. [...] [Husserl] quis fundar uma filosofia como ciência de rigor. Propôs um positivismo que vá ‘às coisas mesmas’. Estas coisas, de que fala Husserl, não estão na Natureza, mas na consciência. Aquilo que, nas Investigações Lógicas, ainda chamara ‘Psicologia descritiva’, depois passou a chamar Fenomenologia. Esta é, para ele, a ciência que descreve as essências da consciência pura. Trata-se, pois, de um método nem empírico, nem dedutivo, mas mostrativo, capaz de manifestar as essências [*eidós*], dadas em cada vivência intencional da consciência, em cada fenômeno (ZILLES, 1986, p.184).

Foi a partir das *Investigações lógicas* que Husserl rompeu com o positivismo clássico. Esse acontecimento representará, para os historiadores, uma segunda fase, momento inicial do despertar de uma forma filosófica que

terá por objeto o estudo da consciência e sua estrutura intencional, e que, num primeiro momento, foi designada pelo próprio Husserl de psicologia descritiva e, posteriormente, de fenomenologia (Cf. SANTOS, 2010).

A partir das pesquisas de Husserl sobre como se estrutura e funciona a consciência do sujeito, a fenomenologia se difundiu primeiramente na Alemanha e na França, depois em outros países, influenciando discussões filosóficas sobre o homem (sujeito) e como acontece o conhecimento. Eis alguns nomes, os mais conhecidos, que sofreram influência ou mesmo difundiram o modo de pensar e pesquisar fenomenológico: Martin Heidegger, Emmanuel Lévinas, Paul Ricoeur, M. Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre.

3. A fenomenologia e o conceito fenomenológico de fenômeno

No momento em que as questões decorrentes das operações lógico-matemáticas, investigadas por Husserl inicialmente, deixaram de ser compreendidas como investigações de elementos reais, factuais do psíquico ou de partes reais da consciência (psicológica), também deixaram de pertencer ao campo de competência da psicologia. Como foi visto acima, os atos do pensamento e do conhecimento vinham sendo tratados mediante a ciência psicológica como fatos naturais, por causa dos enganos psicologistas. Nos *Prolegômenos às Investigações lógicas*, obra acima referida, Husserl apresenta suas críticas ao psicologismo, lá ele “procurou mostrar que há uma diferença de direito entre a psicologia, ciência empírica dos fatos do conhecimento, e as ciências normativas puras, como a teoria do conhecimento e a lógica” (HUSSERL, PENSADORES, 1992, p. VII).

É a partir desse ponto de compreensão que Husserl se volta para problemas relativos ao universo das idealidades lógicas e das significações em geral. A nova compreensão fenomenológica da subjetividade, introduzida

pelas *Investigações lógicas*, depurada das concepções naturalistas e dos reducionismos positivistas, não terá o mesmo sentido da noção psicológica então dominante, que reduzia o conteúdo psíquico às ocorrências factuais. Husserl irá propor um novo método de estabelecimento da verdade do conhecimento, uma radical forma de reflexão sobre a consciência e a percepção humana, que passou a ser chamada de fenomenologia: uma ciência das essências ou ciência do reino das idealidades, cujo método de reflexão será uma descrição dos fenômenos tais como aparecem a uma consciência.

A fenomenologia nasce, então, a partir da certeza de que a dimensão natural do ser humano e os fenômenos próprios a ela, no que diz respeito especialmente à consciência, enquanto campo de estudo da psicologia, ciência positivo-experimental, não contém o verdadeiro subjetivo. Para Husserl o verdadeiro subjetivo serão os múltiplos modos transcendentais (formas estruturais próprias da consciência) de doação de sentido das objetividades que permeiam a experiência perceptiva do sujeito. O naturalismo, ao confundir o psíquico e o físico, reduziu o psíquico a fatos particulares, observáveis, impedindo, com isso, o alcance de aspectos específicos, próprios da região psíquica, e que clarificam as estruturas subjetivas, transcendentais, dos atos de conhecimento. Tais estruturas dizem respeito a fenômenos que integram a imanência da consciência, que, doravante, vai se mostrar a Husserl enquanto elementos *a priori* da consciência conhecedora, por isso transcendentais — a noção de transcendental será tratada na parte seguinte.

É assim que a fenomenologia husserliana se apresentará como uma filosofia dos fenômenos puros, dirigindo seu interesse, exclusivamente, àquilo que se manifesta ou aparece a uma consciência, o que exige dela uma atitude intuitiva de apreensão da essência do que aparece ou se manifesta ao sujeito. Sua tarefa, então, comportará:

[...] uma descrição da estrutura específica do fenômeno [fluxo imanente de vivências que constitui a consciência] e, como descrição de estrutura da consciência enquanto *constituente*, isto é, como condição *a priori* de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto Consciência Transcendental, *constitui* as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender [no nível empírico] ou constituir [no nível transcendental] os significados dos conhecimentos naturais e psíquicos. A fenomenologia aparece, assim, como filosofia transcendental (PEN-SADORE, 1992, p. VIII, grifo meu).

Para ela a consciência não será concebida como uma substância presente na interioridade do sujeito, mas como consciência intencional, relação às coisas, portanto; ou seja, a consciência “[...] se relaciona diretamente ao mundo, não está fechada sobre si mesma mas abre-se imediatamente ao ‘exterior’” (MOURA, s/d, p. 10). É assim que nos modos de doação e de aparição dos objetos o que se tem são as coisas mesmas, elas próprias enquanto percebidas e não suas representações. A característica específica dessa nova noção de consciência é a intencionalidade, a base propriamente fenomenológica da consciência transcendental e da constituição do mundo no domínio da subjetividade pura. É a partir de sua estrutura intencional que “a consciência pode dirigir seu olhar à sua vida própria e refletir sobre esta vida” (ZITKOSKI, 1994, p. 55).

O uso filosófico da palavra fenomenologia e fenômeno¹¹ não foi uma iniciativa exclusiva de Husserl. Sabe-se que a origem da palavra é grega, e, para o contexto do presente trabalho, é o bastante assumir a seguinte definição de Merleau-Ponty: “A fenomenologia é o estudo das

¹¹ Para acompanhar as bases dessas definições, Cf. ZILLES, Urbano. Edmund Husserl e a Fenomenologia. *Veritas*, Porto Alegre, Vol. 31, N^o 122, p. 174-175, Jun. 1986; para melhor compreensão etimológica-hermenêutico-filosófica do conceito, Cf. HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 56-70.

essências, e todos os problemas, segundo ela resume-se em definir essências” (1999, p.1). A palavra carrega em sua etimologia, como radical, o termo fenômeno, que, filosoficamente designa tudo aquilo que aparece ou se manifesta a uma consciência.

O conceito sofreu alterações ao longo do tempo, desde a filosofia antiga. Já designou os fenômenos naturais, físicos [sentido usual ainda hoje]; designou também a aparência enganosa oposta à realidade. Platão empregou o conceito para se referir ao mundo sensível em oposição ao mundo das ideias, mundo inteligível. Na Filosofia moderna, sobretudo no fenomenismo das correntes empiristas, fenômeno designou as formas fenomênicas como objetos possíveis de nosso conhecimento, como as coisas nos aparecem e não como são. Kant manteve esse sentido, porém não mais indicando como são as coisas em si, para ele fenômeno é aquilo que aparece como objeto de nossa experiência, distinto da coisa em si, ou seja, distinto de uma realidade independente da nossa mente.

Husserl renovou o sentido do uso do termo fenômeno: para ele o fenômeno encontra-se inteiro na imanência da consciência. Nessa concepção, metodologicamente, toda a exterioridade (transcendente) é suspensa em função do aparecer fenomênico, em sua pureza, na consciência, pois o aparecimento é a consciência. O conceito fenomenológico (husserliano) de fenômeno adquire um sentido puramente subjetivo, não psicológico, mas transcendental.

A Husserl vai interessar o fenômeno puro, tal como se mostra à consciência. Vale, então, para a fenomenologia husserliana, a atenção às coisas, *elas mesmas*, tal como se manifesta a consciência, e o que se manifesta ou aparece o faz de modo absoluto, não restando mais nada para além do aparecer (a designação *as coisas mesmas* não se refere a particularidades, mas à universalidade do que são em essência). Portanto, não se trata de uma apresentação nem da *coisa em si* no sentido kantiano, também não se trata da *coisa* simplesmente, trata-se da *coisa*

mesma enquanto fenômeno, pura essência, tal como aparece na imanência da consciência, intuída de forma livre e espontânea. É nesse sentido que se diz que a fenomenologia é uma ciência dos fenômenos puros¹².

Como nada está mais próximo de nós senão a própria consciência, o acesso filosófico a ela, por isso mesmo, não é uma conquista simples. Assim, é que a compreensão filosófica conquistada por Husserl, de fenomenologia e da noção de fenômeno, foi sendo aprimorada a partir das exigências de radicalização que ele imprimiu às suas reflexões. A concepção de fenômeno a que chegara, a de fenômeno puro, em sua acepção mais rigorosa, refere-se ao conteúdo intencional da consciência (Cf. FRAGATA, 1959), ou seja, àquilo que é próprio de uma consciência cuja estrutura básica é a intencionalidade.

É assim que a consciência deixa de ser uma substância, passando a ser concebida como pura atividade ou, como ele próprio define: *consciência de alguma coisa*. A partir daí, o mundo, tudo que é visado, sem perder a existência real, torna-se subjetivo, porque passa a pertencer à região da consciência. Nesse momento nasce a subjetividade transcendental, que não se confunde com uma realidade interior nem com uma realidade transcendente de forma independente. A seguir, vejamos um pouco mais sobre o sentido de transcendental para a fenomenologia.

4. O transcendental da fenomenologia

Não é preciso fazer muito esforço para se perceber a proximidade das ideias fenomenológicas de Husserl

¹² A consciência pura é fenômeno, não é natureza (como na Psicologia) enquanto unidade ontológica, substancial, submetida ao espaço-tempo. O fenômeno da fenomenologia não possui qualidades reais como os seres das ciências da natureza.

com o universo idealista moderno, cartesiano, marcado por uma filosofia idealista-subjetivista da consciência. O próprio Husserl chama atenção para as semelhanças e para as diferenças existentes entre seu pensamento e o idealismo clássico, quando afirma, em suas *Meditações Cartesianas*¹³, que foi pelo estudo das *Meditações* de René Descartes que:

[...] a fenomenologia nascente se transformou num tipo novo de filosofia transcendental. Poder-se-ia quase chamá-la de um neo-cartesianismo, ainda que se tenha visto obrigada a rejeitar quase todo conteúdo doutrinal conhecido do cartesianismo, na medida em que deu a certos temas cartesianos um desenvolvimento radical (HUSSERL, 2001, p. 9).

O *desenvolvimento radical*, frisado por Husserl se deu, segundo ele, sob “extrema prudência crítica”, procurando “[...] por a claro e evitar certos erros sedutores cuja armadilha nem Descartes nem os seus sucessores souberam evitar” (2001, p. 15). Na sequência das conquistas cartesianas, no bojo de suas reflexões fenomenológicas, Husserl conquistou uma depuração radical em direção a um sentido próprio de subjetividade transcendental, para além do naturalismo psicológico, como foi dito acima.

Para ele, Descartes “não atravessou o pórtico que conduz à filosofia transcendental verdadeira” (2001, p. 38), ou seja, em direção a uma filosofia voltada exclusivamente para o sujeito, o eu que fala de si mesmo, como

¹³ Obra publicada primeiramente em francês (1931), e teve origem num conjunto de conferências que Husserl pronunciou na Sorbonne (1929). O texto que se tem hoje foi revisto e retocado pelo autor com o intuito de apresentá-lo numa versão definitiva como introdução à fenomenologia transcendental. SOUZA, A. M. de. Introdução à tradução portuguesa das *Meditações Cartesianas* de E. Husserl, in: HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas* – Introdução à fenomenologia. Trad. Maria G. L. e Souza. Porto-Portugal: RÉS-Editora, 2001, p. 8.

ego transcendental. Então, só indo além da conquista cartesiana é que o transcendental passa a ocupar o lugar do transcendente, que, assim, por sua vez, “[...] estará incluído na ‘consciência transcendental’ dum modo mais pleno, mais rico” (FRAGATA, 1959, p. 86, grifo meu).

Só assim ocorre uma superação radical da concepção dualista, moderna, do evento gnosiológico [sujeito-objeto]: não se tratando mais de negar a realidade do objeto em si nem de identificar os dois termos, mas de considerar a imanência subjetiva em si mesma, desligada de qualquer relação transcendente. Com isso surge “o mundo interior ou do ser imanente no seu sentido radical [...] e que é chamado ‘transcendental’” (FRAGATA, 1959, p. 84).

A noção de transcendental¹⁴ em Husserl não se confunde com a de Kant, que se refere a tudo àquilo que, *a priori*, explicita o conhecimento ou as condições de possibilidades que fundamentam o conhecimento¹⁵. Embora o transcendental, para Husserl, guarde, também, esse caráter *a priori*, porém, não se referindo às suas possibilidades, todavia ao próprio conhecimento, ou seja, “[...] ao mesmo conhecimento, sobretudo ao próprio objeto do conhecimento na sua entidade imanente que é aquilo que mais intimamente se possui, o ‘fenômeno’ na sua pura acepção” (FRAGATA, 1959, p. 85).

Portanto, o verdadeiro subjetivo para a fenomenologia é o transcendental, ou seja, é ele, o transcendental, que é o ser real do conhecimento. A fenomenologia, en-

¹⁴ É no livro *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (I Parte) que, pela primeira vez, a fenomenologia se apresenta como uma filosofia transcendental. Cf. MOURA, C. A. Ribeiro de. Prefácio, in: HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006, p. 15.

¹⁵ Para Kant, o ser é um limitador da pretensão do conhecimento do fenômeno, porque, para ele sobra o em si que fica fora do alcance do sujeito cognoscente.

ção, não será “[...] uma doutrina das essências de fenômenos reais, mas de fenômenos transcendentalmente reduzidos” (FRAGATA, 1959, p. 28).

Aqui cabe um esclarecimento terminológico. Para Husserl, quando se faz referência à realidade transcendental como o *ser real* (*reelle*, em alemão) do conhecimento é no sentido de *ser irreal* (*unwirklich*, em alemão), o que não quer dizer que se está falando de um tipo de ser fictício, mas de uma realidade peculiar, e, por isso, “[...] também caracterizado como *real*, embora num sentido diverso” (FRAGATA, 1959, 85-86). Então, transcendental é o *ser real* na medida em que designa a realidade peculiar do que é ideal (irreal)¹⁶. Tal esclarecimento faz-se pertinente porque, segundo o próprio Husserl, em filosofia:

[...] não se pode definir como em matemática; neste aspecto, qualquer imitação do procedimento matemático não é apenas infrutífera, mas perversa e das mais danosas consequências. De resto, as expressões terminológicas mencionadas [ideia, ideal, real] devem ter seu sentido firmemente estabelecido em amostras precisas, em si evidentes [...] (HUSSERL, 2006, p. 30).

Cabe lembrar ainda, como conclusão desta seção, que a “descoberta” husserliana de objetos ideais, aqueles que não são partes reais da consciência, deu-se mediante as investigações sobre questões da lógica pura,

¹⁶ “No alemão há uma dupla de adjetivos, *real* e *reell*, que não é possível conservar em português sem gerar confusão. O primeiro significa, em Husserl, ‘real’ no sentido de ‘mundano pertencente à realidade natural’, e o segundo quer também dizer ‘real’, mas em relação apenas às componentes do vivido (segundo P. Ricoeur), isto é, que forma parte da consciência e se encontra no tempo fenomenológico”. MOURÃO, Artur. Advertência do tradutor, in: HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000, p.10; também, Cf., HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica – Introdução geral à fenomenologia* (I parte). Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006, p. 30.

num ambiente de luta contra o psicologismo. Essas idealidades (lógicas), que indicam antes um pensar e não exatamente um ato, não têm a ver com o psíquico da psicologia, ciência natural da consciência, como visto acima. Portanto, o transcendental da fenomenologia quer designar o modo peculiar de se compreender e de se referir à estrutura subjetiva, enquanto ela mesma, desligada de qualquer origem no exterior: mundo de coisas e eventos espacial-temporal. Assim tomado, o transcendental encerra os fenômenos no domínio da consciência pura (GOTO, 2008, p. 35-36).

A passagem para o campo transcendental da consciência é possibilitada por uma operação que Husserl definiu conceitualmente e chamou de *epoquê* ou *redução fenomenológica*, para indicar o caminho em direção à subjetividade transcendental. É sobre isso que se discorrerá a seguir.

5. Via fenomenológica da subjetividade transcendental

Ao radicalizar a via cartesiana de acesso à consciência, Husserl aprofundou suas pesquisas em direção ao domínio transcendental da subjetividade, tendo em vista, com isso, a conquista de uma base verdadeiramente rigorosa de fundamentação do saber filosófico e científico essa missão ele assumira desde o início de suas pesquisas, ao perseguir o ideal de uma ciência fundamentada em bases últimas e absolutas (Cf., ZITKOSKI, 1994, p. 17).

O filósofo acreditava verdadeiramente que a filosofia devia se apresentar como uma ciência de rigor, isto é, como um conhecimento fundamentado e fundamentador das ciências. Por isso mesmo, para ele, a fenomenologia requeria um novo método especificamente filosófico, uma atitude intelectual especificamente filosófica. Essa tarefa o levou à formulação da *redução fenomenológica* como radicalização do trabalho crítico do conhecimento.

O campo transcendental, com Husserl, emergirá enquanto instância e via mais verdadeiramente habilitada a conduzir a reflexão fenomenológica a um acesso direto às *próprias coisas*, isto é, aos objetos constituídos — ação de doação de sentido e não de criação — pela consciência enquanto fenômenos.

Por este motivo, a ‘meditação fenomenológica’ consiste no próprio método de investigação pelo qual o *eu meditante* do filósofo se detém no conjunto de problemas puramente transcendentais e busca resolvê-los a partir da análise da própria consciência e do mundo constituído nela (ZITKOSKI, 1994, p. 14, grifo meu).

Todavia, como é o acesso ao campo transcendental? Ou como se dá o trânsito em direção a esse polo absoluto, doador de sentido, e, a partir daí, visar com evidência e rigor *as coisas mesmas*? Isto é, como o mundo aparece para nós. É o que vamos procurar esclarecer no que segue.

O ato filosófico ou a via que elevará a reflexão ao domínio da subjetividade transcendental é a *redução* ou *epoché*¹⁷. Com ela, o mundo, a realidade, o outro, até meu próprio eu natural (psicofísico) são colocados em suspensão, entre parêntesis, tendo em vista a apreensão reflexiva de seus correlatos intencionais (noesis-noema), de uma consciência concebida não como algo, mas como consciência-de-alguma-coisa, isto é, sempre direção para algo, visando um objeto e retendo dele o fenômeno, por isso consciência intencional.

¹⁷ O conceito de *epoché* ou *redução* é o mais característico da fenomenologia transcendental de Husserl, tem o sentido de suspensão. A palavra era “usada já na antiguidade pelos céticos pirrônicos da filosofia grega que suspendiam ou se abstinham de qualquer assentimento por não reconhecerem razões decisivamente eliminatórias da incerteza”. FRAGATA, Júlio. *A fenomenologia de Husserl: como fundamento da filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1959, p. 92.

A atividade da consciência comporta uma relação intencional que Husserl chamou de *noese*, e o objeto que preenche esse ato chamou de *noema* — termos de origem grega - *noein*, pensar. A *noese* é o pensamento do objeto, o ato mesmo de visar da consciência; e o *noema* é o objeto enquanto objeto pensado, intencionado pela consciência, porque, como se sabe, consciência é consciência de alguma coisa.

A *redução* dá acesso a um novo e radical campo dos atos da consciência, permitindo investigar suas estruturas transcendentais. Foi assim que Husserl, para avançar em suas análises fenomenológicas da consciência e da subjetividade, para além da via estabelecida pela psicologia, como também, para além da via estabelecida pelo subjetivismo cartesiano, lançou mão do método da *epoché*. Com ele, a fenomenologia reflete, com mais rigor, como as coisas são constituídas na imanência da consciência, agora “despojada de todo caráter de transcendência que em si mesma possa conservar”, o que não significa, evidentemente, “suprimir o transcendente, nem sequer provisoriamente” (FRAGATA, 1959, p. 91).

Trata-se, pois, de uma atitude reflexiva que possibilita o trânsito da atitude natural ou mundana à transcendental ou fenomenológica, entendida no sentido absolutamente radical. E que, ao realizá-lo, não se pretende duvidar da existência do mundo externo, transcendente, mesmo que provisoriamente. “[...] o mundo encarar-se-á apenas sob o aspecto como se apresenta na consciência reduzido à consciência. Continuará a ser considerado posto entre parêntesis, fora de circuito, numa espécie de idealização caracteristicamente original” (FRAGATA, 1959, p. 92;99); cuja importância está em ser fenômeno, objeto intencional, de uma consciência transcendentalmente reduzida. Toda e qualquer existência transcendente só terá validade, para a fenomenologia, enquanto vivência da consciência, desconectada, assim, de toda exterioridade.

Este é o campo que a *epoché* fenomenológica abre, possibilitando a investigação direta dos fenômenos constituídos na esfera transcendental da consciência. A consciência transcendental passa a valer como uma região de ser absoluta, fonte última de explicação de todo sentido de ser válido para o conhecimento humano (ZITKOSK, 1994, p. 39).

Para Husserl, a realidade só existe e ganha sentido para uma *consciência-de*, ou seja, só existe para nós como produto intencional, como fenômenos subjetivos, como o mundo aparece para nós. Daí a importância da redução fenomenológica que tem como tarefa conduzir a reflexão ao nível transcendental, ao encontro dos fenômenos puros, àquilo que me é dado na pura imanência. Nesse âmbito de uma consciência reduzida à sua estrutura mais pura, o mundo, toda transcendência, não é reduzido a uma ideia no sentido de um idealismo absoluto, pelo contrário, essa peculiaridade intencional da consciência deixa transparecer o mundo tal qual ele é, quando aparece fenomenologicamente ao sujeito, enquanto correlato da consciência.

Na fenomenologia transcendental, a partir da *epoché*, o mundo é visto na sua transparência absoluta (CAPALBO, 2008, p. 21-22). Significa que o aparecer na consciência comporta seu próprio ser ou seu *eidós* primordial. O mundo reduzido é o mundo real, não há, portanto, dois mundos. Para Husserl, o sentido do ser e o fenômeno do aparecer não se dissociam, de modo que o mundo é o mundo que nós conhecemos, ele é rigorosamente o seu aparecimento (fenômeno) na consciência, ele é o que aparece e se mostra. Eis porque o estudo das essências é o que interessa à fenomenologia; eis, também, o porquê da importância da *redução* para o método de reflexão fenomenológica: ela “[...] proporciona o acesso ao modo de consideração transcendental; possibilita o retorno à ‘consciência’. Vemos nela como é que os objetos se constituem [...]” (BIEMEL, 2000, p. 12). E para concluir a presente explicitação sobre o significado fenomenológico da redução, usando palavras do próprio Husserl, dir-se-á ainda que a redução:

[...] não é exclusão do verdadeiramente transcendente [por ex., no sentido empírico-psicológico], mas exclusão do transcendente em geral como de uma existência a administrar, isto é, de tudo que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro (2006, p. 12).

Mas de que consciência está-se falando aqui? É o que segue sobre a noção fenomenológica de consciência.

6. A nova noção de consciência intencional

Já foi dito mais acima que a noção de consciência que a fenomenologia husserliana apresenta tem a ver estruturalmente com a noção de intencionalidade. Trata-se da estrutura fundamental da consciência, daquilo que lhe é mais próprio. Frisar o caráter intencional da consciência é importante para se compreender todo o projeto fenomenológico de Husserl.

Intencionar significa *tender para...*, *visar alguma coisa*. Caracterizar a consciência destacando sua estrutura intencional significa dizer que ela, fenomenologicamente falando, é sempre *consciência de alguma coisa*. Não se trata de uma substância interior do homem, um território a ser delimitado, que recebe e representa o que é percebido quando nos voltamos para algo, trata-se, porém, de uma atividade intencional, *um dar-se conta*, constituído por atos, e é partir desses atos que o objeto é apreendido e conhecido, adquirindo uma existência distinta de sua existência real. Entretanto, é preciso dizer que:

A intencionalidade é caracterizada por sua *independência da existência*; [...] ela é uma propriedade intrínseca à consciência; [...] A única coisa que efetivamente precisa existir é a vivência intencional, cuja estrutura própria inclui o estar dirigido para um objeto (ZAHAVI, D. 2015, p. 32).

Essa forma de *ser para alguma coisa* ou essa atividade da consciência são registros ao modo de *vivências*¹⁸, ou seja, atos que são por mim *vividos* ou que estou *vivendo* psiquicamente, mas que são abordados de forma pura, a partir da intencionalidade da consciência. Tais *vivências* fazem parte da dimensão perceptiva do sujeito, porém, enquanto tais, não enquanto fatos psicológicos; são elas que vão possibilitar o aparecer fenomenológico das coisas, das objetividades, a partir do contínuo fluxo intencional de vivências das mais variadas modalidades. Daí que a consciência intencional é constituidora de sentido, sendo, por isso, a intencionalidade, uma relação originária da consciência, doadora de sentido, e seus conteúdos constituídos. Como afirma o próprio Husserl:

[...] “estamos de início e na maioria das vezes” dirigidos para objetos no mundo. Esse estar dirigido é um estar dirigido direto, isto é, ele não é mediado por quaisquer representações mentais. Ao invés de dizer que nós vivenciamos representações, poder-se-ia dizer muito mais que nossas experiências são *presentificadoras* e que o mundo está presente nelas a cada vez de uma maneira determinada (Apud ZAHAVI, D. 2015, p. 30).

Vê-se, assim, o quanto é importante para a fenomenologia o estudo da consciência “[...] enquanto intencionalidade efetiva, analisando, para este fim, a corrente intencional que se forma a partir da multiplicidade infinita dos atos de consciência”. Assim, a “intencionalidade é o que caracteriza a consciência em seu pleno sentido e o que autoriza a designar por sua vez a corrente inteira de

¹⁸ “Na raiz da palavra *vivência* encontramos as palavras viver, vida. *Vivência* é tradução da palavra alemã *Erlebniz*. A raiz *leben* é viver. *Er* é um reforçador: eu vivo verdadeiramente. Aquele sufixo está indicando que é um substantivo, um nome. Então *vivência* é uma tradução [...] que significa *estou vivendo*” (Bello, 2004, p. 174-175).

vivências como corrente de consciência e como unidade de consciência” (ZITKOSKI, 1994, p. 55). Finalmente, todo sentido nasce ou é constituído a partir da intencionalidade originária da consciência que presentifica o mundo em nós, permitindo seu conhecimento.

7. À guisa de conclusão

Acredita-se que com essas últimas e brevíssimas palavras sobre a nova noção de consciência intencional, esclarece-se um pouco mais quanto ao domínio da fenomenologia transcendental, sistematizada por Edmund Husserl: uma fenomenologia pura, interessada pelo não-factual, afastando-se, por isso, formalmente, dos fatos do mundo. Nesse sentido é que se fala de consciência pura ou transcendental, diferente do território por onde transitam as ciências interessadas na realidade concreta. Quanto à definição de tal domínio é preciso dizer que não é algo fácil de ser levado a cabo. Alguns especialistas, como a italiana Angela Ales Bello, aqui citada algumas vezes, afirma que é estreita, por ex., a relação da psicologia e a fenomenologia, pois, segundo ela, mesmo que:

[...] o novo território constituído pelas vivências de que temos consciência se distinga claramente da esfera dos atos psíquicos, descobre-se uma extraordinária correspondência entre a dimensão psíquica e a dimensão transcendental. Porque o ‘perceber’, mesmo não coincidindo com o psíquico, está na parte do psíquico [...]. É necessário, no entanto precisar o valor dessa coincidência. [...] Um ato psíquico, enquanto ato, é vivido de modo concreto, limitado, experiencial, mas como pode ser realmente compreendido? Sua descrição essencial é insuficiente para alcançar a profundidade: a redução à interioridade psíquica não é ainda transcendental. Somente se a vivência é registrada conscientemente, alcança um valor de universalidade, porque se alcança a sua estrutura [...] (BELLO, 2016, p. 30-31).

Antes de Husserl, seu mestre-professor, o filósofo e psicólogo Franz Brentano¹⁹, ao distinguir fenômenos físicos de fenômenos psíquicos, o fazia caracterizando os fenômenos psíquicos pelo modo de ser intencional²⁰. Husserl, por sua vez, melhora o conceito, passando a conceber a intencionalidade da consciência a partir de seu modo transcendental, porque, para ele, é quem constitui o âmbito radical do aparecer do mundo. Mas não estamos aqui diante de uma atitude idealista clássica, nem psicológica, própria do naturalismo, nem gnosiológica do tipo kantiana, que defende a tese da *coisa em-si*, mas de uma atitude idealista-transcendental ou, como defende alguns fenomenólogos, uma atitude realista, porém transcendental. Quanto a isso, não se pode esquecer que para Husserl, apud Bello:

Se o objetivo é captar o sentido da realidade, esta é sempre uma realidade para o ser humano, o qual deve possuir os instrumentos que lhe permitam captá-la. Assim se delinea a prioridade da questão do conhecimento; não porque tudo se resolva com o conhecer, mas porque o conhecimento é o instrumento fundamental para compreender como são feitas as coisas (2016, p. 16).

¹⁹ Franz Brentano, filósofo e professor de Husserl, foi um dos fundadores da psicologia moderna. A psicologia iniciante (Séc.. XIX) era uma ciência empírica fiel ao positivismo. Assim, ele propunha fundamentar os atos psíquicos em dados observáveis, experimentais. Husserl aprendera com ele a noção de intencionalidade e a importância filosófica do trabalho rigoroso e minucioso de elucidação dos conceitos.

²⁰“Husserl retoma, através de F. Brentano, a noção de intencionalidade da tradição escolástica, onde a intenção é a tendência da vontade para um fim real. A intenção quer *ter* a coisa desejada; ela não a possui, ainda não a desfruta realmente, *in re*, mas a possui em sua tendência mesma incoativamente”. MURALT, A. de. *A metafísica do fenômeno*. Trad. Paulo Martins. São Paulo: Ed. 34, 19998, p. 63-67.

Portanto, essa “escavação”²¹ de natureza teórica empreendida por Husserl, sobre a consciência e sua estrutura transcendental, é distinta do feito cartesiano e do feito kantiano, e não se confunde com o da ciência dos fatos da psiquê.

Foi assim que a fenomenologia se firmou como uma filosofia metodicamente descritiva, assumindo como ponto de partida a pesquisa dos fenômenos puros da consciência — mais uma vez: consciência não psicológica, desinteressada das facticidades empírico-transcendentes, postas, programaticamente, como o próprio Husserl diz, “fora de validade”, em função da nova orientação transcendental (Apêndice IX, 2006, p 355).

²¹ O uso do termo *escavação* se inspira em: BELLO, A. *Ales. Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*. Trad. Aparecida T. Garcia e Márcio L. Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016.

Referências

Obras citadas de E. Husserl

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento** (2 Vol., Parte I). Trad. portuguesa Pedro M. S. Alves, Carlos A. Morujão. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

_____. **Investigações lógicas**, 1. Trad. espanhola Manuel G. Morente e José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

_____. **A filosofia como ciência de rigor**. 2 ed. Trad. Albin Beau. Coimbra, 1965.

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.

_____. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental – Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica**. Trad. Diogo F. Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A ideia da fenomenologia**. Trad. portuguesa Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Meditações cartesianas: introdução à Fenomenologia**. Trad. portuguesa Maria G. L. e Souza. Porto-Portugal: RÉS-Editora, 2001.

Obras referenciais e estudos críticos citados

BELLO, Ângela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Jacinta T. Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

_____. **A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia do feminino**. Trad. Antônio Angonese. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

_____. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Trad. Miguel Mahfoud, Marina Massini. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

_____. **Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus.** Trad. Aparecida T. Garcia e Márcio L. Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas.** Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2008.

CARVALHO, Joaquim de. **Prefácio. In: Edmund Husserl. A filosofia como ciência de rigor.** Trad. Albin Beau. 2 ed. Coimbra, 1965.

COSTA, Marcos Luis. **Levinas: uma introdução.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Trad. Maria José J. G. de Almeida. 3 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

DELACAMPAGNE, Christian. **História da filosofia no Séc. XX.** Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FRAGATA, Júlio. **A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia.** Braga: Livraria Cruz, 1959.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl.** São Paulo: Paulus, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Prefácio. Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos A. R. de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Prefácio, in: HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** Trad. Márcio Suzuki. 2 ed. Aparecida, SP: Ideias & Ideias, 2006.

_____. **Husserl, intencionalidade e fenomenologia. Mente, Cérebro e Filosofia.** Pinheiros, SP, n. 5, p. 7-15, s/d. (Série especial da Revista Mente e Cérebro).

PAISANA, João. **Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PENNA, Antônio Gomes. **Introdução à psicologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2001.

PORTA, Mario Ariel Gonzáles. **Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger**. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 31, nº 99, 2004.

SANTOS, José Henrique. **Do empirismo à fenomenologia: a crítica do psicologismo nas Investigações lógicas de Husserl**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Alfredo de O. Morais. São Paulo: Loyola, 2014.

ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2019.

_____. **A fenomenologia de Husserl**. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2015.

ZILLES, Urbano. **Edmund Husserl e a Fenomenologia**. *Veritas*, Porto Alegre, v. 31, nº 122, Jun. 1986.

_____. **Edmund Husserl e a Fenomenologia**. *Veritas*, Porto Alegre, v. 31, nº 123, Set. 1986.

ZITKOSKI, Jaime José. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.